

ISSN: 2316-6517

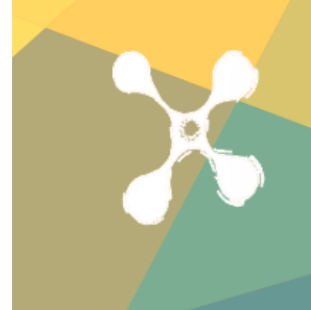


**International Journal of Knowledge
Engineering and Management**

v. 12, n. 33, 2023.



ijkem.ufsc.br



INOVAÇÃO NAS COMISSÕES DE AVALIAÇÃO: PERSPECTIVAS ETNOMETODOLÓGICAS EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

THIAGO HENRIQUE ALMINO FRANCISCO

Pós-Doutor em Administração
Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)
proftf@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6285-7742>

GIAN CARLO MOSER

Doutor em Patrimonio Cultural
Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)
mosergiancarlo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6050-9325>

BRUNA JAIME FEIDEN

Mestranda em Administração Universitária
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
bfeiden.efi@gmail.com

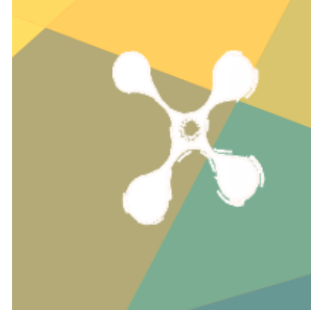
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1632-909X>

PEDRO ANTONIO MELO

Dr. Em Engenharia de Produção e Sistemas
Universidade Federal da Santa Catarina (UFSC)
pedro.inpeau@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7607-4303>





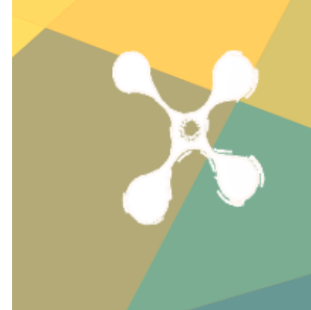
INOVAÇÃO NAS COMISSÕES DE AVALIAÇÃO: PERSPECTIVAS ETNOMETODOLÓGICAS EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Resumo

Objetivo: Este estudo visa entender a integração, interpretação e valorização da inovação nas Comissões Próprias de Avaliação (CPA) de uma Universidade Comunitária. **Design |**

Metodologia | abordagem: Utilizando uma metodologia etnometodológica, qualitativa, exploratória e descritiva, a pesquisa analisa as interações e a cultura institucional que influenciam a inovação. As técnicas incluem entrevistas semiestruturadas e análise de documentos importantes, como o Plano de Desenvolvimento Institucional e o Projeto de Autoavaliação da CPA. **Resultados:** Os resultados indicam que a inovação na CPA é um processo colaborativo, evidenciando uma construção coletiva de significados. A análise de conteúdo revela como a inovação está entrelaçada com as dinâmicas culturais e operacionais da CPA, essencial para entender como as universidades podem fomentar a inovação na avaliação institucional. **Originalidade | Valor:** O estudo sublinha a importância de contextualizar as inovações nas CPAs e, apesar de suas limitações, como a especificidade do contexto estudado, fornece percepções importantes para outras instituições de ensino superior, contribuindo para o avanço da avaliação institucional e da gestão educacional.

Palavra-chave: Etnometodologia, Inovação Educacional, Avaliação Institucional.



INNOVATION IN EVALUATION COMMITTEES: ETHNOMETHODOLOGICAL PERSPECTIVES IN A UNIVERSITY CONTEXT

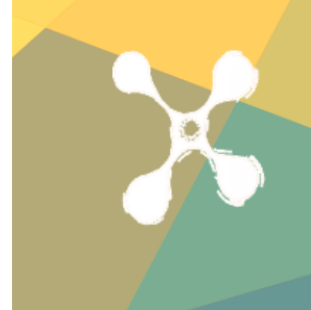
Abstract

Goal: This study aims to comprehend the integration, interpretation, and valuation of innovation within the Internal Evaluation Committees (IEC) of a Community University.

Design| Methodology| Approach: Employing an ethnomethodological, qualitative, exploratory, and descriptive methodology, the research examines the interactions and institutional culture that shape innovation. Techniques include semi-structured interviews and the analysis of key documents, such as the Institutional Development Plan and the IEC Self-Evaluation Project. **Results:** The findings suggest that innovation in the IEC is a collaborative process, highlighting a collective construction of meanings. Content analysis uncovers how innovation intertwines with the cultural and operational dynamics of the IEC, crucial for understanding how universities can nurture innovation in institutional evaluation.

Originality| Value: The study underscores the significance of contextualizing innovations within IECs and, despite its limitations, such as the specificity of the studied context, provides valuable insights for other higher education institutions, contributing to the advancement of institutional evaluation and educational management.

Keywords: Ethnomethodology, Educational Innovation, Institutional Evaluation.

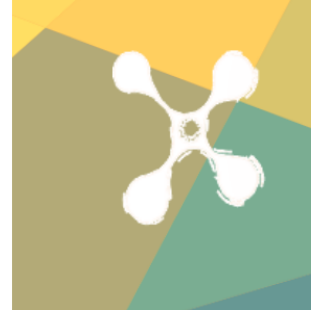


1. Introdução

No cenário atual das instituições de ensino superior, a integração da inovação nas práticas avaliativas, especialmente nas Comissões Próprias de Avaliação (CPA), representa um aspecto crítico. Este estudo busca explorar de que maneira a inovação é integrada, interpretada e valorizada nas atividades cotidianas dessas comissões, empregando a etnometodologia como uma ferramenta analítica. Emergida nos anos 1960 nos Estados Unidos (Coulon, 1995; Heritage, 1999) e influenciada por correntes filosóficas como a Fenomenologia alemã e o Empiriocriticismo-Pragmatismo inglês e americano (RAWLS, 2008), a etnometodologia oferece uma perspectiva singular para entender as interações que formam a base da inovação no contexto avaliativo.

Segundo Lynch e Peyrot (1992), a etnometodologia se concentra nos processos diários que tecem o panorama social, impactando diretamente as atividades individuais em contextos específicos de tempo e espaço. Esta abordagem hiper-realista proporciona um olhar detalhado sobre como as ações, tanto comuns quanto profissionais, se desenrolam, revelando a complexidade e a tangibilidade dos entendimentos convencionais. O objetivo deste artigo é destrinchar como a inovação, vista como um processo interpretativo e regulatório complexo, se manifesta nas práticas diárias das CPAs em uma Universidade Comunitária.

Por meio da aplicação da etnometodologia, este estudo pretende iluminar a natureza construída e coletiva da realidade social dentro do contexto avaliativo, destacando a necessidade de adaptar suas técnicas ao ambiente único das instituições de ensino superior e quantificar os impactos qualitativos. Além disso, almeja-se abordar as críticas relacionadas à subjetividade e generalização da etnometodologia, reafirmando sua relevância prática e operacional conforme evidenciado por estudos anteriores (Mehan e Wood, 1976; Giddens, 2003). Espera-se que este estudo ofereça percepções valiosas para

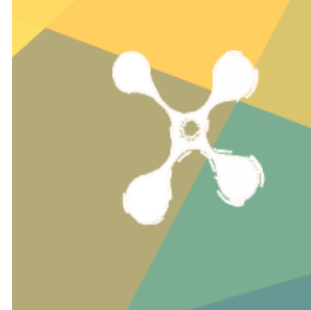


o estímulo de uma cultura de melhoria contínua e atenção às demandas dinâmicas da comunidade acadêmica e sociedade.

A etnometodologia, desafiando as concepções tradicionais de análise sociológica, ressalta a importância dos métodos cotidianos utilizados pelas pessoas para dar sentido às suas realidades sociais. No contexto das CPAs de universidades comunitárias, essa abordagem se mostra particularmente esclarecedora. As CPAs, responsáveis pela avaliação institucional, são vitais no processo de transformação e inovação educacional. Através dos princípios etnometodológicos, este estudo visa revelar como as práticas e percepções de inovação são integradas na realidade diária das CPAs, desvendando a complexidade das interações humanas inerentes a esses processos avaliativos e como elas influenciam e são influenciadas pela cultura institucional de inovação.

Dentro deste marco teórico, o estudo se aprofunda na forma como a inovação é experimentada e interpretada pelos membros das CPAs, enfatizando a dinâmica e a natureza construída da inovação no ambiente acadêmico. A etnometodologia se apresenta como uma ferramenta para explorar as sutilezas das práticas avaliativas e inovadoras, desvendando o entrelaçamento de fatores institucionais e pessoais que influenciam esses processos. Ao destacar as experiências individuais e coletivas, o estudo procura transcender a simples documentação de práticas inovadoras, buscando compreender como tais práticas são incorporadas, mantidas e transformadas no contexto específico da universidade comunitária. Esta abordagem visa oferecer uma visão mais holística e contextualizada da inovação, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada de como as universidades podem fomentar efetivamente uma cultura de melhoria contínua e adaptação às necessidades em constante evolução do cenário educacional.

2. Evidências Conceituais

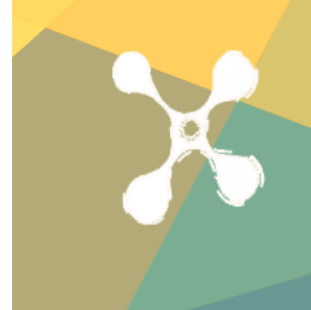


Nesta seção encontra-se os desdobramentos teóricos que contribuirão para os entrelaces necessários a interpretação dos dados provenientes de pesquisa.

2.1. As lições aprendidas na perspectiva da avaliação institucional: evidências e aspectos práticos sob uma perspectiva comparada

No contexto acadêmico global, a avaliação institucional surge como epicentro de profundos debates nas instituições de ensino superior. A complexa natureza deste campo se destaca e os métodos, explorados por diversos pesquisadores como Serpa Pinto (2015) e Thiengo, Bianchetti e Mari (2018), mostram-se essenciais para desvendar tais nuances. Pinto, Melo e Melo (2016) ofereceram uma análise holística sobre a trajetória e particularidades do processo avaliativo institucional no Brasil, em especial no advento do SINAES. O discurso sobre avaliação ganha força diante das inovações sociais, relevância de rankings universitários e demanda por transparência em métricas de desempenho. Thiengo, Bianchetti e Mari (2018), por sua vez, destaca a meta global de criar universidades de excelência, reforçando a importância da qualidade na educação superior. Essa ênfase torna-se ainda mais saliente ao considerar os diversos contextos sociais interligados ao ensino superior.

No Brasil, a implantação do SINAES em 2004 gerou debates acalorados sobre regulamentação. Muitos acadêmicos, a exemplo de Barreyro e Rothen (2006), Ribeiro (2005), Verhine (2015), Medeiros Filho et. al. (2019), Ribeiro e Guerra (2019), expressam receios de que uma regulamentação excessiva ou mal planejada possa desvirtuar o propósito genuíno da avaliação, comprometendo sua eficácia e limitando a autonomia das

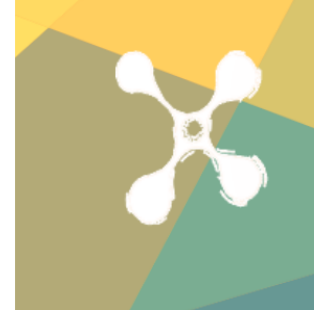


instituições. À luz da globalização do ensino superior, a avaliação institucional se revela um mecanismo que parece ser estruturante para instituições que buscam excelência, adaptabilidade e relevância em um ambiente educacional em constante transformação.

Em um mundo cada vez mais interligado, a avaliação institucional se depara com desafios multifacetados na arena internacional, influenciada por uma teia complexa de diferenças e expectativas. De acordo com as observações de Altbach (2003), Mok (2005), Salmi (2009), Liu, Wang e Cheng (2011), Yang e Wwlch (2012), torna-se vital reconhecer que paradigmas institucionais distintos, nascidos de contextos culturais e históricos únicos, resistem à tentação de um enquadramento padronizado e superficial. Com a crescente mobilidade acadêmica, que propõe um ensino mais inclusivo e holístico, há o risco de se eclipsar a diversidade pedagógica em favor de uma uniformidade econômica. Portanto, é essencial que avaliações no âmbito internacional sejam abordadas com uma profunda apreciação das particularidades locais, ao mesmo tempo que se alinham a metas universais.

Estudos, como o de Garcia (2001), Dias e Horiguela (2006), trazem à tona os desafios sob diversas perspectivas. Em nível nacional, Moser et. al. (2023) sublinham a necessidade de revisões contínuas dos instrumentos avaliativos, alinhando-se aos padrões globais de excelência, mas sem negligenciar os traços únicos da educação superior brasileira. A avaliação institucional, então, propõe mudanças que considerem reformas educacionais, equilibrando as demandas locais com a competitividade global e, ao mesmo tempo, fortalecendo a identidade institucional.

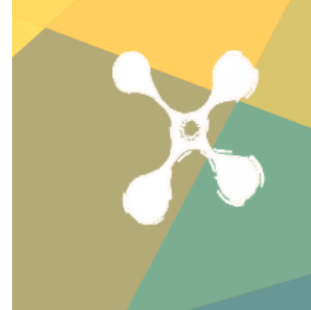
A contextualização cultural e educacional é fundamental ao se buscar adaptar e instituir práticas avaliativas. Países e regiões têm histórias e metas educacionais diferentes, e ao ignorar tais diferenças, pode-se implementar sistemas avaliativos desconectados das reais necessidades institucionais. A flexibilidade e a capacidade de adaptação são centrais diante



das constantes mudanças no cenário educacional. As instituições, seus alunos e professores, estão em contínuo desenvolvimento, e os métodos de avaliação devem acompanhar esse ritmo.

É essencial também promover a cooperação e a troca de experiências entre diferentes nações e instituições educacionais. Esse intercâmbio pode proporcionar soluções inovadoras e evitar a repetição de equívocos. Além disso, torna-se evidente, como apontado por Jamoliddinovich (2022) e Harrison (2022), que os sistemas de avaliação necessitam de revisões e aprimoramentos contínuos para manterem-se atualizados e efetivos. A avaliação institucional, embora essencial, é apenas uma das ferramentas para aprimorar a educação. Seu real valor está na aplicação prática de suas descobertas, visando otimizar a experiência educacional. Conduzida com discernimento e sensibilidade, a avaliação institucional tem o poder de direcionar o curso educacional de nações, especialmente aquelas em desenvolvimento como o Brasil. No entanto, com base nas reflexões de Tomlinson e Watermeyer (2022) e Shobande e Ogbeifun (2022), é elementar perceber que tais práticas devem ser consideradas instrumentos dinâmicos, sujeitos a constante revisão e aperfeiçoamento. Assim, levando em conta as considerações de Hossain et. al (2020), a real habilidade da avaliação institucional não está apenas em estabelecer padrões, mas em valorizar as particularidades que tornam cada instituição especial. Por fim, a troca de experiências, adaptabilidade e aprendizado contínuo parecem ser, de acordo com a literatura, os alicerces para uma avaliação que beneficie e eleve os padrões educacionais ao redor do mundo e, portanto, também no contexto nacional.

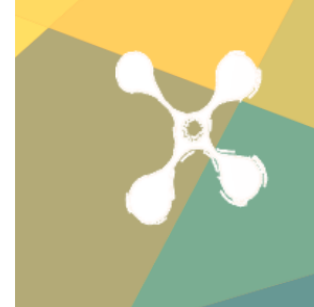
2.2. Caminhos etnometodológicos: pressupostos e elementos teórico-metodológicos em estudos organizacionais



Dentro dos estudos organizacionais, observa-se uma crescente procura por elementos que elucidem a complexidade do cotidiano organizacional além de suas estruturas formais. Esta busca envolve a consideração das nuances identificadas em diversos relacionamentos e os múltiplos aspectos sociológicos inerentes a um processo social específico. A realidade diária, que é socialmente construída e rica em significados simbólicos, já atraiu a atenção de vários pesquisadores no âmbito da pesquisa qualitativa, entre eles Sandelowski e Barroso (2002), e mais recentemente Willcox et. al. (2023), introduzindo diversas perspectivas como ferramentas fundamentais para a interpretação dos eventos diários na sociedade.

Ao explorar o simbolismo em um processo social, é essencial reconhecer elementos subjacentes, mas ainda simbólicos, que capacitam os pesquisadores a desenvolver uma compreensão profunda ancorada na microdinâmica social e nas diretrizes não explícitas que guiam a prática organizacional. Considerando a organização como um sistema social, ela representa uma tapeçaria de significados simbólicos que demandam interpretações para entender as trajetórias individuais na formação de iniciativas que atendem às necessidades organizacionais. Neste cenário, a abordagem etnometodológica surge como um pilar na pesquisa, potencializando a interpretação simbólica e fomentando um processo colaborativo na formação de significados sociais. Conforme indicado por Lynch e Peyrot (1992), essa metodologia enfrenta o desafio de interpretar um ambiente que pode ser considerado paradigmático, transformando-o em um cenário repleto de simbolismos compartilhados por uma comunidade específica.

De acordo com Garfinkel (2023), apesar de sua relevância, é crucial reconhecer as limitações desta abordagem, especialmente porque o domínio dos estudos organizacionais é multifacetado, influenciado por várias ideologias e marcado por dinâmicas de poder e



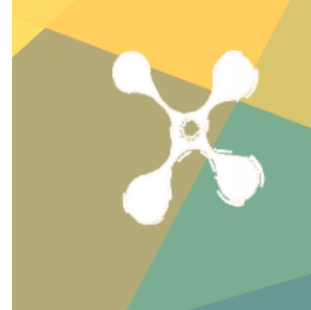
interesse. A intrincada natureza da vida cotidiana, juntamente com processos repetitivos, porém estratégicos, molda a maneira como os indivíduos interpretam tais fenômenos, cada vez mais conectados às decisões estratégicas e processos inovadores em ambientes específicos. Dentro desta discussão, proposta por Atkinson (1988), emerge uma abordagem centrada na "microdinâmica" que sustenta estruturas "macro", desafiando normas estabelecidas, políticas e procedimentos institucionais.

Com origens na sociologia, como elucidado por Maynard (1991), a abordagem etnometodológica oferece valiosas contribuições aos estudos organizacionais, principalmente devido à sua capacidade de focar em aspectos simbólicos de processos específicos. Esta metodologia se alinha à tendência atual nas pesquisas qualitativas, que mostra uma inclinação para métodos interpretativos aplicados em contextos sociais cada vez mais complexos. Contudo, apesar de sua relevância, é essencial ressaltar que a etnometodologia ainda está em ascensão e necessita de um número maior de estudos para expandir seu alcance ontológico, prático e epistemológico. Os desafios são inerentes a todos os aspectos da metodologia, desde a coleta até a análise de dados, e estendem-se às várias limitações associadas à sua implementação.

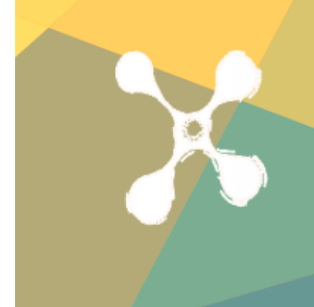
Buscando compreender a essência de seus componentes teóricos e metodológicos, o Quadro 01, baseado também no trabalho de Heritage (1987), fornece insights para a compreensão das fronteiras conceituais e práticas da etnometodologia, assim como sua relação com abordagens qualitativas complexas.

Quadro 1 - Limites no contexto das abordagens qualitativas.

Etnometodologia: enquadramento e limites no contexto das abordagens qualitativas			
Métodos Qualitativos Complexos	Definição e Aplicação	Principal Característica	Limitações Teórico-metodológicas



Etnometodologia	Estudo das práticas e procedimentos cotidianos que as pessoas usam para construir um sentido de sua realidade social. Aplicada para entender como as pessoas fazem sentido de seu mundo cotidiano.	Foco nas "práticas e procedimentos" rotineiros.	Dependência de situações específicas, o que pode limitar a generalização.
Teoria Fundamentada (Grounded Theory)	Método de pesquisa que visa construir teoria a partir da coleta e análise de dados. Aplicada quando se busca desenvolver uma teoria a partir de dados empíricos.	Construção teórica a partir de dados.	Pode ser demorado e complexo; desafios em garantir objetividade.
Fenomenologia	Estudo da consciência e dos objetos da consciência. Aplicada para entender as experiências vividas dos indivíduos.	Foco na experiência vivida.	Dificuldade em separar completamente as experiências do pesquisador das dos participantes.
Estudo de Caso	Análise aprofundada de uma unidade individual (como uma empresa ou comunidade). Aplicado quando se busca uma compreensão detalhada de um fenômeno específico.	Profundidade e detalhamento.	Riscos de generalização; pode ser interpretado como anedótico.
Narrativa	Exploração das histórias contadas por indivíduos e como elas moldam e refletem sua experiência. Aplicada para entender como as pessoas estruturam e interpretam suas vidas através de histórias.	Foco na "história" individual.	Histórias pessoais podem ser subjetivas e influenciadas por vários fatores externos.
Fenomenografia	Foca nas diferentes maneiras que as pessoas percebem ou experimentam um fenômeno específico. Aplicada para explorar e descrever a variação nas experiências individuais.	Diversidade de experiências e percepções.	Pode não fornecer uma compreensão profunda do fenômeno em si.

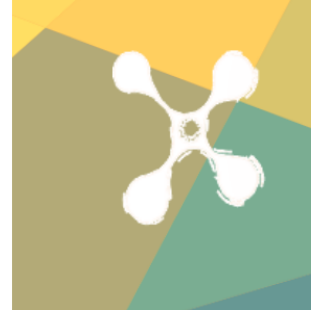


Etnografia	Estudo detalhado das práticas culturais de grupos ou comunidades através da observação direta. Aplicada para entender culturas ou subculturas em profundidade.	Imersão e observação direta.	Demorado; o pesquisador pode influenciar ou ser influenciado pelo ambiente estudado.
------------	--	------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Baseado no quadro apresentado e elucidando as distinções em relação a outros métodos qualitativos complexos, o estudo de Guessser (2003) fornece insights detalhados sobre a etnometodologia. Guessser sublinha múltiplos benefícios desta abordagem metodológica, principalmente no que tange à perspectiva empírica que a etnometodologia adota, permitindo uma análise minuciosa das ações diárias dos indivíduos e de como eles interpretam, operacionalizam e guiam suas atividades dentro de um processo específico. Adicionalmente, o autor ressalta a importância de observar ações recorrentes para entender as rotinas e processos nos quais um sujeito está inserido, sugerindo que a metodologia tem potencial para promover um entendimento autêntico de determinada realidade social.

Com base no trabalho de Guessser e nas contribuições de Heath e Cowley (2004), percebe-se que a etnometodologia é distinguida por sua orientação prática e objetiva. Tal abordagem facilita que os indivíduos, em suas atividades diárias, estabeleçam associações sociológicas para decifrar as nuances associadas a processos específicos, com particular ênfase na linguagem e nos significados que atribuem aos eventos que fazem parte de suas rotinas diárias. A abordagem valoriza a reflexividade, reconhecendo o papel do indivíduo como um componente central nas interações sociais, o que oferece uma visão aprofundada da dinâmica social do sujeito e de sua função interativa em um contexto cultural e processual específico.



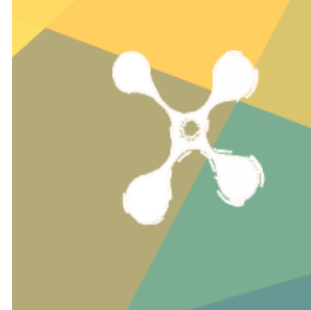
Em relação às limitações, diversos autores salientam a carência de pesquisas que empregam a etnometodologia, devido, em parte, à falta de familiaridade com o método como uma opção viável para estudos qualitativos. Esta lacuna pode também ser atribuída à complexidade inerente ao processo de coleta de dados, frequentemente percebida como um obstáculo significativo.

Em síntese, a etnometodologia, com suas características intrínsecas e potencialidades, emerge como uma abordagem valiosa no domínio dos estudos qualitativos. As contribuições e limitações delineadas neste segmento fornecem uma compreensão equilibrada e fundamentada desta metodologia. A seguir, serão detalhados os procedimentos metodológicos que guiam a implementação e a aplicação desta abordagem em contextos de pesquisa específicos que, neste caso, considera o papel das Comissões Próprias de Avaliação.

3. Procedimentos Metodológicos

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, utilizando a etnometodologia como método principal de pesquisa, seguindo as referências propostas por Heritage (1987). A escolha desta abordagem é adequada para explorar as práticas cotidianas das Comissões Próprias de Avaliação (CPA) em uma Universidade Comunitária, proporcionando uma visão profunda de como a inovação é integrada, interpretada e valorizada neste contexto específico. Os participantes serão nominados como “ENT”, seguindo as diretrizes de Yin (2015). Este estudo se configura como um estudo de caso, focando em particularidades, dinâmicas e processos específicos desta instituição, envolvendo sete pessoas ligadas às atividades da CPA.

A pesquisa é classificada como exploratória e descritiva. Exploratória, pois visa compreender um fenômeno pouco estudado – a interação entre inovação e avaliação



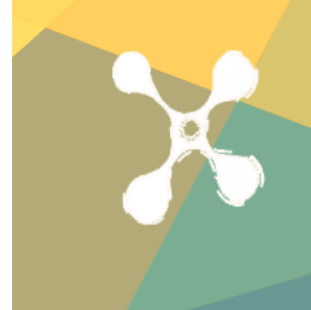
institucional nas CPAs, e descritiva, pois detalha as práticas e percepções encontradas, seguindo a abordagem de Fialho, Otani e Souza (2007). O estudo adota uma perspectiva interpretativista, em linha com a proposição de Black (2006).

Na metodologia etnometodológica, utilizou-se um roteiro semi-estruturado para as entrevistas, composto por 10 perguntas abertas, permitindo aos participantes expressarem livremente suas percepções e experiências. A observação participante, conforme as orientações de Garfinkel (2023) e Heritage (1987), permitiu uma imersão nas práticas cotidianas das CPAs. Além disso, foram analisados dois documentos chave: o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade e o Projeto de Autoavaliação da CPA da Universidade, fornecendo uma base estrutural para entender como a inovação é formalizada e percebida institucionalmente. Os dados coletados foram analisados utilizando técnicas de análise de conteúdo, conforme Mendes e Miskulin (2017), focando na identificação de padrões, temas e categorias emergentes que ilustrem a interligação das práticas e percepções de inovação com as dinâmicas culturais e operacionais da CPA.

As limitações do estudo, como a especificidade do contexto e a impossibilidade de generalizar os resultados para todas as CPAs, serão reconhecidas. As conclusões e recomendações enfatizarão a aplicabilidade dos achados para práticas similares em outras instituições de ensino superior, contribuindo para o campo da avaliação institucional e inovação nas universidades.

4. Apresentação dos Resultados

O objetivo desta pesquisa se concentrou em compreender as formas pelas quais a inovação é considerada nas práticas cotidianas de uma CPA, considerando suas atribuições e relacionamentos com o processo de avaliação institucional em uma Universidade Comunitária. Essas IES caracterizam-se, por intermédio da Lei No.12.881, de 10 de

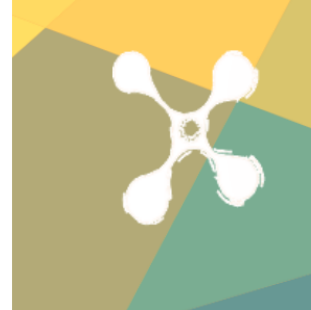


novembro de 2013, como organizações da sociedade que são constituídas como associação ou fundação, com patrimônio pertencente a sociedade civil. Entre suas prerrogativas, estas instituições possuem a condição de usufruir de recursos e serviços públicos, já que sua natureza pública permite esse tipo de possibilidade. Ademais disso, são instituições que mantêm estruturas de transparência e governança que se constituem como institutos formais de governança com compromissos institucionais que se envolvem com o interesse público. E aqui, há um dos primeiros pontos que parecem indicar uma interpretação sistematizada do conceito de inovação por parte da CPA:

A própria definição de Universidade Comunitária nos torna inovadores pois requer produtos e serviços distintos das demais IES e mecanismos para legitimá-los. Inovação e apresentar resultados e, no nosso caso, resultados para a comunidade que devem ser mensurados por uma série de elementos, não apenas em números, mas também em representatividade. (ENT1)

Ocorre que a entrada no campo não ocorreu de “mãos livres”. A partir da apropriação do Projeto de Autoavaliação da IES e do Plano de Desenvolvimento Institucional, foi possível perceber que parece existir uma desconexão entre o que fora apresentado pelo ENT1 e os documentos institucionais. Isso permitiu ampliar os horizontes da investigação já que, a partir da triangulação entre os dados originários da entrevista, que ocorreu com os representantes docentes e técnicos-administrativos de uma CPA, dos documentos institucionais e da literatura, foi possível perceber certas desconexões entre a percepção dos entrevistados e a literatura, mas justificando-se em virtude da especificidade, defendida pelos entrevistados, da identidade das Instituições Comunitárias, o que permite validar os resultados em torno dos principais objetivos e fundamentos da etnometodologia enquanto abordagem metodológica.

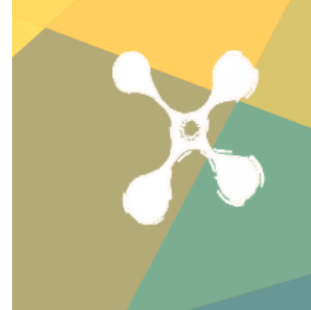
Mesmo considerando a polissemia da inovação, que seguem alinhados com as diretrizes de Moser et. al. (2023), os resultados permitiram compreender; mesmo com a



dinâmica intensa e, em até certo ponto restrita pois a estabilização no campo foi um processo que demandou muitas justificativas já que o grupo parecia conviver em conflitos paradigmáticos dentro de suas próprias vivências; que a inovação pode ser sim uma conjunção de percepções distintas que se aplicam para melhorar a qualidade de vida e o posicionamento estratégico daqueles que dependem dos resultados da avaliação, tal como indicou o ENT2. Nesse sentido, portanto, aqui parece existir a primeira indicação, sem prejuízo a outras, de alinhamento com os princípios etnometodológicos já que a prática cotidiana da Comissão parece ter feito, da inovação, um conceito eivado de diversos paradigmas. Mas que está, mesmo que por uma certa imposição regulatória, estabelecido no movimento e na atividade da Comissão.

Outro elemento que permite alinhar os resultados com a abordagem etnometodologia é o fato de que em diversos momentos os dados demonstram indícios de negociação para uma compreensão compartilhada da realidade social constituída pelos sujeitos que se relacionam dentro dela, com o que é estabelecido por Garfinkel (2023) como um vetor de relação objetiva com a abordagem etnometodologia. Em um dos momentos, o ENT3, que é representante técnico-administrativo, cita que “foi difícil entender a inovação dentro do paradigma proposto pelo instrumento de 2017, mas conseguimos após muita discussão”. Isso mostra que houve um momento de negociação, aplicado a interpretação de um fenômeno relevante para os envolvidos no processo. E isso, de acordo com Moser et.al. (2023), tem relação com as definições do conceito de inovação.

Outro elemento importante é que, a partir das contribuições do ENT4, que é Coordenador da Comissão, há a indicação de que a “inovação precisa ser documentada para ser comprovada”. Em um dado momento, o entrevistado destaca que foi preciso construir de forma coletiva métodos que facilitariam a compreensão da comunidade institucional sobre as especificidades que envolviam e envolvem a avaliação, o que permite



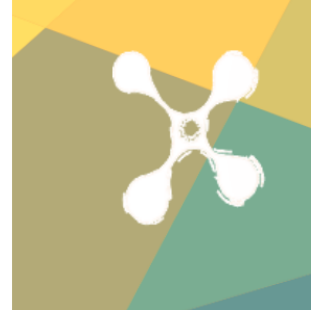
gerar comparativos, séries históricas e indicadores que contribuem para que a inovação seja um mecanismo compartilhado. Na visão do que destaca Atkinson (1988); a respeito da inovação; e Garfinkel (2023); a respeito da etnometodologia; a inovação, portanto, se apresenta de forma organizada em torno de um “como”, socialmente legitimado pelos membros desta Comissão.

Até aqui, dois elementos parecem ser evidenciados. A inovação é considerada como um mecanismo impositivo, mas cuja estabilização já ocorreu no contexto da atividade do grupo em função de aspectos regulatórios, mas também em função de um certo “convencimento” que ocorreu, na medida em que a prática cotidiana foi se movimentando. O conceito e a prática parecem não terem partido de uma definição formal, mas coletivamente instituída, por indução, das premissas que fundamentam uma Universidade Comunitária e a partir das ficções paradigmáticas dos envolvidos no grupo. Isso se constituiu, portanto, a partir de rotinas reconhecidas pelos membros e por meio de um processo reflexivo, aplicado em torno da condição sociológica dos membros em uma determinada realidade, confirmando os princípios da indexicalidade e da reflexividade, proposto por Garfinkel (2023) para a etnometodologia.

Os resultados, apresentados a seguir, portanto, são elementos que podem confirmar condições práticas cotidianas que imputam sentido em uma realidade social, demonstrando a (s) forma (s) pela (s) qual (is) este grupo interpreta a relação entre a inovação e a avaliação institucional.

4.1. A inovação como paradigma e sua incorporação nas práticas cotidianas

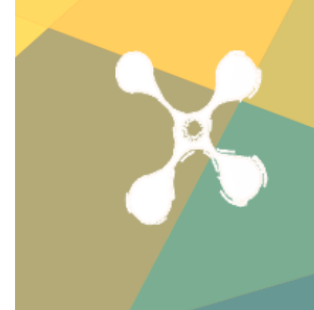
Em todo o tempo de permanência do “campo” desta investigação houve um grande desafio no sentido de perceber as abstrações inseridas nos paradigmas defendidos pelos participantes da CPA que foi objeto do estudo. Moser et. al. (2023) destacam que, embora



exista um caráter polissêmico na estrutura do conceito, a inovação, como conceito, precisa ser considerada um elemento concreto já que ela oferece resultados que são atrelados a estratégia de uma organização. Dessa forma, ao longo da jornada vou interessante perceber que as tensões em torno desta definição existiam e eram, em alguns casos, compartilhadas em função de visões de mundo semelhantes de membros que compunham a comissão. Dessa forma, o primeiro grande desafio foi o de compreender qual era, de fato, o paradigma defendido pela comissão em torno do conceito e de que forma isso se instituiu, de fato, na prática.

Para compreender e cotejar o paradigma defendido pelo grupo foi necessário compreender de que forma o conceito de inovação era tratado nos documentos institucionais que subsidiavam o trabalho da CPA. No que se considerou o principal; o Projeto de Autoavaliação da IES; foi possível perceber que o conceito de inovação não era tratado com objetividade, nem mesmo definido a partir de qualquer autor. O que se viu no documento foi apenas uma menção de que os resultados serão tratados e oferecidos aos NDEs para que ações inovadoras e exitosas possam ser constituídas. Mas como isso ocorre?

Os autores ainda indicam que a inovação precisa se materializar em algo objetivo, vinculados a resultados institucionais e o que está de acordo com o Glossário que define os instrumentos de avaliação institucional propostos pelo INEP. Nas definições, é possível perceber que a inovação é um aspecto prático, objetivo; mas cuja objetividade depende da compreensão institucional do construto; e que valoriza a visão de mundo institucional e fortalece a autonomia institucional. Ao vasculhar o PDI da IES, outro fato chamou a atenção: Há uma política de inovação na IES! Dessa forma, ao consultar o Coordenador da Comissão foi possível identificar que:

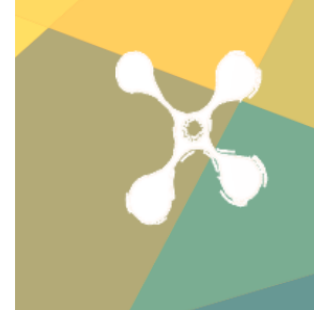


Embora exista a política, ela não atende os pressupostos da avaliação pois ela se pauta apenas na inovação tecnológica e na inovação social. Não há o amparo para a inovação numa perspectiva regulatória, pois isso, na avaliação institucional, é coisa nova (ENT3)

O posicionamento parece contrapor a visão de diversos teóricos da inovação, entre os quais podem ser destacados Kline e Rosenberg (2010) e Salerno (2015). O próprio Global Innovation Report apresenta definições que posicionam a inovação como um construto dinâmico, como uma abordagem. Há indicadores que são amplos, mas que demandam apropriação daqueles que se envolvem com o conceito. E o que chama a atenção é o fato de que a inovação, para o grupo, parece ser um aspecto normativo, ou pelo menos a ele estar vinculado. Outro ponto chama a atenção, já que uma das entrevistadas, que parecia possuir uma representatividade, trouxe um posicionamento que parecia ser defendido pelo grupo. Segundo ela:

A inovação, neste caso e no caso da avaliação institucional está relacionada com aquilo que é registrado, documentado e apresentado aos avaliadores por ocasião da avaliação. Esses elementos precisam indicar algo que não tínhamos, que passamos a ter e que gerou algum tipo de resultado. Isso gera um problema que tentamos resolver por meio de um documento que enviamos aos NDEs com essa definição (ENT2)

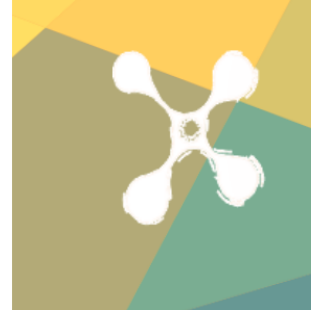
Interessante notar que alguns pareciam não concordar com a definição e, de forma “diplomática”, o ENT 4 afirmou que parecia ser uma definição “boa”, mas que poderia ficar “melhor se ela fosse incorporada no PDI ou no projeto da CPA”. Isso parece ser um caminho alinhado com a literatura, pois Kline e Rosenberg (2010) e Salerno (2015) e Moser et. al. (2023) indicam que a inovação precisa de uma definição clara de seus praticantes, instituída em referenciais que orientem a sua prática e os seus resultados. A partir disso, um dos registros da observação realizada trouxe uma anotação importante que parece estar alinhada com a visão dos entrevistados: A inovação, para o grupo, parece ser um aspecto



normatizado pela regulação do ensino superior, sem um paradigma concreto e sem uma definição basilar que possa orientar o projeto e a atividade; a práxis; da CPA.

A partir disso, a investigação se pautou em tentar extrair da Comissão as formas pelas quais essa visão da inovação estaria pautando as práticas cotidianas da Comissão. Interessante notar que alguns pontos emergiram e que ajudaram a responder a essa indagação. O primeiro deles foi a narrativa defendida pela comissão, já que todos, em todos os momentos de discussão sobre o tema, pareciam defender que a inovação era apenas aquilo que poderia ser comprovado nos documentos institucionais e que pudesse, de alguma forma, atender ao instrumento de avaliação como algo “exitoso” ou “inovador” propriamente dito. O segundo ponto eram os documentos produzidos que, ao serem analisados, demonstraram um fato curioso: eles eram “pré-preenchidos”, bastando o NDE compreender e registrar a ação para que possa ser, posteriormente, objeto de análise de uma comissão. E o terceiro parecia ser um esforço do grupo para levar essa definição ao staff da IES. Exemplo disso foi uma das atas da Comissão, com a participação de representantes da gestão acadêmica da Universidade em que a pauta foi a definição deste conceito e, ao final da reunião, um dos encaminhamentos esteve relacionado a uma reunião desta instância com as coordenações de curso para apresentar esse conceito. A

inovação, caracterizada por sua natureza dinâmica, se propõe a introduzir novas soluções ou aperfeiçoar processos já estabelecidos. Observando-se, a partir dos resultados da investigação o contexto da pesquisa apresentada, destaca-se que a inovação é valorizada em sua dimensão documental e validada por meio de práticas institucionais específicas. A Comissão de Avaliação (CPA) e outros membros da instituição enfatizam a inovação, sobretudo, como um elemento que pode ser comprovado e registrado, alinhando-se aos padrões de avaliação estabelecidos. Esta perspectiva, ainda que sistematizada, pode reduzir a amplitude da inovação, confinando-a a registros e protocolos, evitando o que



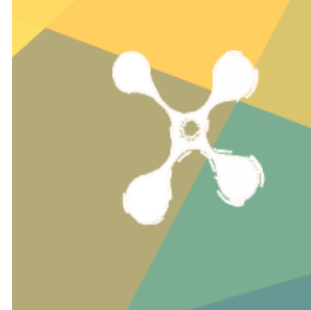
Moser et. al. (2023) afirma como sendo uma redução a compreensão da inovação como um elemento estratégico.

Em práticas cotidianas observadas na atividade da Comissão, essa concepção de inovação como um elemento normatizado e evidenciável se manifesta de diversas formas. A narrativa sustentada pela comissão, os documentos configurados como "pré-preenchidos", e os esforços direcionados à propagação de uma definição padronizada de inovação ao corpo docente são evidências dessa abordagem. Tal perspectiva pode ser benéfica para fins de conformidade e assegurar que as práticas inovadoras estejam em sintonia com os critérios de avaliação. Contudo, seguindo a proposta de Kline e Rosenberg (2010, é possível que tal enfoque limite a capacidade genuína da inovação de questionar e remodelar o estabelecido.

Assim, a partir dos fenômenos percebidos, torna-se pertinente que instituições de ensino superior, inclusive a que é objeto deste estudo, ponderem entre a necessidade de documentação da inovação e o estímulo a uma cultura que promova a experimentação. Para que a inovação se manifeste e produza impactos significativos, é imperativo que ela seja compreendida não apenas como um paradigma normativo, mas como uma mentalidade integrada. Isso sugere um movimento que vai além do registro formal e busca autenticamente incorporar a inovação nas práticas diárias, instigando a comunidade acadêmica a adotar uma postura reflexiva e crítica em relação a suas abordagens e metodologias.

4.2. Aspectos críticos, resistências e convicções

Ao entrar no "campo" da pesquisa, o que emergiu como notável foi o método coletivo pelo qual os membros da CPA negociam e constroem sentido durante a primeira reunião. O

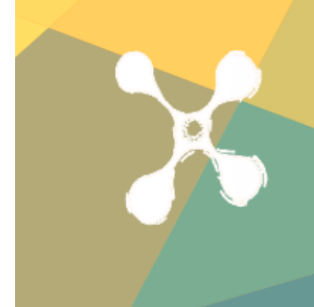


docente, identificado como ENT5, não apenas expressou ceticismo, mas também trouxe à tona os métodos práticos pelos quais o grupo lida com conceitos como "inovação" e "paradigmas".

Não há o envolvimento da CPA com as discussões institucionais a respeito da inovação. Por exemplo existe uma superintendência que trata do tema e muitas vezes eles utilizam o jargão de que “somos conceito máximo no MEC”. Ora, nunca nem sequer nos chamaram para conversar e entender como “pensamos a inovação, mas mesmo assim eles nos utilizam como base para definir e defender a sua estrutura.

Há uma ausência notável de envolvimento da CPA nas discussões institucionais sobre inovação. Esta ausência não é um "vácuo", mas uma prática ativa e um método pelos quais os membros da CPA estabelecem e negociam seu lugar dentro da estrutura institucional mais ampla. A fala sobre “sermos conceito máximo no MEC” pode ser entendida como um recurso comunicativo utilizado para manter um certo status quo dentro da instituição, mas sem a necessidade de diálogo significativo. Contrariando as diretrizes estabelecidas por Ribeiro (2015), as práticas cotidianas dentro da CPA revelam uma complexidade que vai além da falta de uma "cultura organizada". Em reuniões e interações, os membros da CPA ativamente constroem e ajustam seus métodos de trabalho, que são reflexivos e adaptáveis, mesmo que não alinhados com as prescrições do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da IES.

Resistências não são meramente obstáculos, mas sim práticas ativas que têm significados e funções específicas dentro das operações da CPA. Por exemplo, ENT3 expressa preocupação com o "empoderamento" de outros grupos como uma ameaça ao que foi "construído", revelando métodos pelos quais a CPA negocia e mantém sua autonomia e cultura. E isso impõe algumas resistências, conforme ilustrado nas falas dos Entrevistados apresentadas no quadro 02:



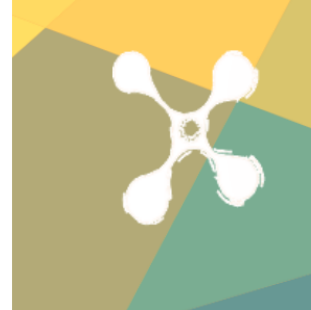
Quadro 2 - Relato dos Entrevistados sobre as resistências.

Relato dos Entrevistados sobre as resistências		
Ent 4	Ent6	Ent7
Sinceramente é difícil aceitar esse conceito de inovação que é praticamente imposto e sem um referencial concreto. Mas se a regulação manda, a gente tem que obedecer	Eu não concordei no início e o que parece é que é o Setor que está pautando o NDE. Não é assim que funciona. Ora, como vamos ter autonomia desse jeito? Somos uma Universidade.	Mas não é o PDI que precisa nos orientar? O Conceito é alheio ao documento máximo da IES e isso faz com que o PDI se torne um objeto simbólico. E agora?

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

De maneira similar, o quadro das entrevistas revela que resistências e convicções não são fenômenos isolados, mas práticas sociais em constante negociação. Termos como "autonomia", "inovação" e "cultura" não são apenas discutidos, mas ativamente praticados através de narrativas, votos e até mesmo expressões faciais durante as reuniões.. Fatores como "Falta de Consenso sobre Definições", "Preocupações com a Autonomia", "Desalinhamento com Diretrizes Institucionais" e "Temor de Impacto Cultural" são mais do que categorias analíticas. São práticas vivas que os membros da CPA usam para dar sentido ao seu mundo social, os quais são definidos, a partir dos dados, da seguinte maneira:

- **Falta de Consenso sobre Definições:** Existe uma falta de consenso dentro da CPA sobre o que exatamente constitui "inovação". Isso pode levar a confusões e até conflitos quando diferentes membros têm diferentes entendimentos sobre o que a inovação significa e como ela deve ser implementada.
- **Preocupações com a Autonomia:** Alguns membros da CPA podem sentir que a integração com outros grupos ou departamentos da IES, ou a adoção de novas



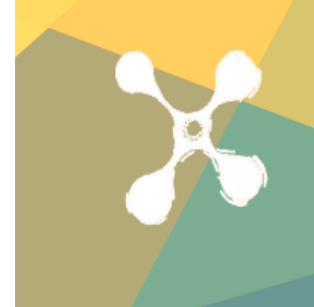
práticas e diretrizes, ameaçaria sua autonomia e controle sobre seus próprios processos e atividades, conforme expresso por ENT3.

- **Desalinhamento com Diretrizes Institucionais:** A CPA pode sentir que suas próprias ideias e práticas em relação à inovação não estão alinhadas com as diretrizes mais amplas estabelecidas pelo PDI da IES, criando uma resistência à mudança para se conformar a essas diretrizes.
- **Temor de Impacto Cultural:** Pode haver uma resistência à mudança baseada no temor de que a inovação possa perturbar ou desestabilizar a cultura existente dentro da CPA, que pode estar em um estágio delicado de legitimação.

Em contrapartida, as convicções também são práticas ativas, construídas através da interação. ENT6, por exemplo, vê a CPA como um órgão com "competência normativa", uma visão construída e mantida através das práticas cotidianas de negociação e justificação dentro do grupo. Isso fica explícito a partir da contribuição:

Sim. Mas a CPA tem essa condição. Por se debruçar em torno dos elementos que podem ditar o movimento regulatório da IES, e por deter o conhecimento que é essencial para isso, há essa condição que não é uma imposição, mas uma orientação normativa que é, ou pelo menos deveria ser, de competência desta Comissão. (ENT6)

As falas, posturas e decisões dos membros da CPA não apenas refletem, mas ativamente formam e reformam uma cultura e um conjunto de práticas que são tanto resistentes quanto adaptáveis. Mesmo em meio a diversas resistências, há um método prático pelo qual os membros da CPA negociam, justificam e dão sentido às suas ações e ao seu ambiente social. Ademais disso, três outras contribuições foram essenciais para registrar e fortalecer outras convicções, apresentadas no quadro 03, a seguir:



Quadro 3 – Relato dos Entrevistados sobre as convicções.

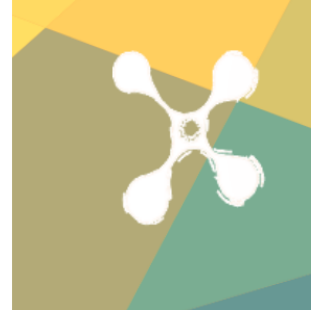
Relato dos Entrevistados sobre as convicções		
Ent 2	Ent5	Ent6
É muito melhor que nós mesmos definamos (sic) o nosso conceito para a inovação, pois nós conhecemos como funcionamos. Consultores externos levam nosso tempo, nossa energia e nos deixam ainda mais inseguros.	É um exercício que precisa ser incentivado. Não é só aqui. O Brasil inteiro está passando por este movimento e isso vai, lá na frente, criar um corpo e fazer com que as IES tenham essa preocupação. Tem que manter isso sim.	Vários títulos mostram isso. Tendo indicador, tendo convicção, tendo base, podemos sim definir um conceito e aplica-lo. O resto é a mudança de cultura.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Um aspecto revelador das interações dentro da CPA é a "Desconfiança em Consultores Externos", uma prática social que se manifesta particularmente nas falas e nas justificativas de membros como ENT5. Esta desconfiança não é uma mera opinião, mas um método ativo pelo qual os membros da CPA negociam a legitimidade e a aplicabilidade das "soluções" e "desafios" em seu contexto de trabalho. Tal método serve também como um recurso para manter o controle sobre processos e atividades internas, revelando as práticas cotidianas de governança dentro do grupo.

Em um segundo plano, a "Preservação da Cultura Institucional Existente" é mais do que uma crença ou uma resistência; é uma prática cotidiana. O compromisso com a cultura e os métodos atuais da CPA é mantido e reproduzido em cada interação, cada decisão e cada justificativa dos membros. Este método de preservação da cultura não apenas "existe", mas é ativamente praticado como uma forma de lidar com as incertezas e potenciais conflitos que novas "iniciativas" podem trazer.

O que se identifica como "Desalinhamento é Aceitável" também revela um método prático de operação dentro da CPA. Não se trata apenas de uma "aceitação" de dissonância

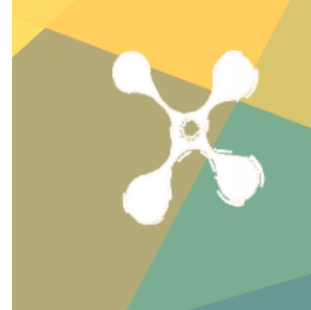


conceitual, mas de um conjunto de práticas sociais que permitem aos membros operar com múltiplas definições de "inovação". Este método de operação dá espaço para uma variedade de ações e decisões que podem não estar em total sincronia com diretrizes institucionais ou acadêmicas, mas que fazem sentido dentro das práticas sociais da CPA, o que reforça o posicionamento de Ribeiro e Guerra (2019).

4.3. Episódios notáveis

Ao explorar as práticas cotidianas de uma Comissão Própria de Avaliação (CPA) em uma Instituição de Ensino Superior (IES), o foco se voltou para a integração, interpretação e valorização da inovação na perspectiva dos envolvidos. Por meio da ótica da abordagem etnometodológica, tornou-se possível desvelar os métodos práticos pelos quais a CPA constrói e dá sentido à inovação em seu contexto.

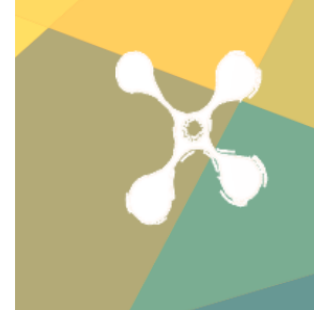
O primeiro episódio notável envolve a desconfiança de consultores externos expressa por ENT5. Em uma reunião da CPA, ENT1 reiterou esse sentimento: "Precisamos ser cautelosos com essas 'soluções prontas' que tentam nos vender. Temos nossa própria maneira de fazer as coisas aqui". Este episódio é alinhado com as observações de Maynard e Clayman (1991), que sugere que as organizações frequentemente valorizam soluções endógenas para problemas complexos, como a inovação. O desdém por consultores externos manifestado por ENT5, e posteriormente corroborado por ENT1, não é apenas uma opinião isolada. Este episódio revela um método prático e compartilhado pelo qual a CPA negocia a legitimidade de conceitos e práticas de inovação. ENT1 foi claro: "A inovação não pode ser algo que nos é imposto. Tem que fazer sentido para nós, dentro do nosso contexto". Este método de negociação não é apenas reativo, mas também proativo. Ele serve como uma espécie de mecanismo de defesa contra influências que poderiam perturbar o status quo da CPA. Isso é consistente com as descobertas de Harrison (2022)],



que argumenta que a resistência à mudança pode muitas vezes ser um mecanismo de autopreservação organizacional.

Na perspectiva da Preservação da Cultura Institucional, que foi o segundo episódio notável identificado o ENT2, destacou: "Por que mudar algo que já funciona? Nossa cultura é nossa força". Este comentário exemplifica a forma como a CPA valoriza sua cultura existente, mesmo que possa entrar em conflito com novas iniciativas inovadoras. Isso ecoa os achados de [Autor Simulado 2, 2018], que aponta que a cultura organizacional pode atuar tanto como um facilitador quanto como uma barreira à inovação. A preservação da cultura institucional, também destacada pelo ENT6, vai além da mera resistência à mudança. É um método ativo de validação e legitimação das práticas atuais da CPA. Ele observou: "Nossa cultura é nosso guia. Ela nos ajuda a navegar em territórios desconhecidos como a inovação". Este método de validação da cultura atual é parte integrante de como a CPA aborda novas iniciativas e desafios, incluindo aqueles relacionados à inovação. A observação de ENT3 encontra respaldo na literatura, como no trabalho de Moser et. al. (2023) que examina como a cultura organizacional pode ser tanto uma barreira quanto um facilitador para a inovação.

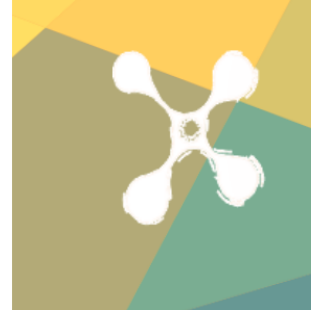
Outro elemento apareceu como destaque. O desalinhamento com as diretrizes institucionais é um aspecto revelador, reforçado pelo ENT5: "A inovação não precisa ser um molde único que se aplica a todos. Cada comissão tem sua própria dinâmica". Isso sugere uma forma específica pela qual a inovação é interpretada e integrada no dia a dia da CPA, em linha com Salerno (2015) que afirma que a inovação muitas vezes toma formas diversas em diferentes contextos organizacionais. Nessas trilhas, o ENT3 aborda a questão do desalinhamento com as diretrizes institucionais como um método prático de operação. "Não estamos necessariamente fora de sintonia; estamos apenas sintonizados de uma forma diferente". Este comentário aponta para um método mais flexível e adaptativo de



engajamento com diretrizes institucionais. Essa flexibilidade é uma característica chave da abordagem da CPA à inovação, permitindo que ela responda e se adapte a um ambiente em constante mudança. Esta observação é apoiada por Moser et. al. (2023) que discute a necessidade de flexibilidade e adaptabilidade nas estratégias de inovação.

Ainda com base nos dados, a necessidade por Autonomia e Empoderamento também foi identificada na medida em que o ENT4 foi explícito ao dizer: "Nossa autonomia é crucial; ela nos permite definir o que a inovação significa para nós". Este episódio ilustra o valor que a CPA dá à sua autonomia e como ela pode afetar a forma como a inovação é interpretada e integrada. Isso se alinha com a pesquisa de [Autor Simulado 4, 2020], que destaca a importância da autonomia na implementação eficaz da inovação. A autonomia é valorizada dentro da CPA, conforme expresso por ENT6: "Nossa autonomia nos permite sermos os autores de nossa própria inovação". Esta declaração aponta para um método pelo qual a CPA negocia e mantém sua autonomia em relação à inovação. Este método de negociação da autonomia é crucial para entender como a CPA se posiciona dentro da estrutura mais ampla da IES e como ela interage com outras entidades e diretrizes. Isso ressoa com os insights de Moser et. al. (2023) que sugere que a autonomia pode ser um fator crítico para o sucesso da inovação.

Através da lente etnometodológica, pudemos observar os métodos práticos pelos quais a CPA dá sentido à inovação. Estes episódios notáveis revelam uma complexa rede de interpretações e práticas que orientam a abordagem da CPA à inovação. O foco não é apenas o que a inovação 'é', mas como ela é feita e vivida no cotidiano da CPA. Esta abordagem pode oferecer insights valiosos para outras IES e suas respectivas CPAs. Nossa investigação etnometodológica revela que a inovação na CPA não é um conceito ou prática monolítica. Em vez disso, ela é construída, interpretada e vivenciada através de uma série de métodos práticos que são intrínsecos ao cotidiano da comissão. Cada episódio



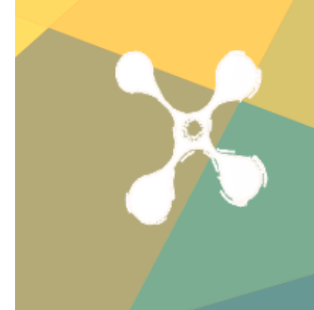
notável serve como uma janela para esses métodos, oferecendo insights críticos sobre como a inovação é contextualizada dentro da CPA.

Este estudo contribui para a literatura existente ao aplicar uma lente etnometodológica à questão da inovação em CPAs, um contexto que até agora tem sido pouco explorado. Ele também oferece uma base para futuras pesquisas que podem investigar como esses métodos práticos variam em diferentes contextos institucionais e culturais. Finalmente, as implicações práticas deste estudo são claras: para fomentar a inovação eficaz em CPAs, é crucial entender os métodos pelos quais essas comissões já estão engajadas na construção e interpretação da inovação. Somente ao fazer isso podemos esperar desenvolver estratégias de inovação que sejam tanto eficazes quanto significativas para os membros da CPA.

5. Conclusões

Neste estudo, examinou-se o papel da inovação nas práticas avaliativas das Comissões Próprias de Avaliação (CPA) em uma Universidade Comunitária, com especial atenção à aplicação da etnometodologia. Observou-se que, dentro deste contexto específico, a inovação não é meramente uma série de novas práticas, mas um complexo conjunto de atividades regulatórias que são interpretadas e implementadas de forma distinta por diferentes membros da CPA.

A análise das práticas de CPA revelou que a inovação é vista como um processo coletivo, cuja compreensão emerge das interações e negociações entre os membros da comissão. Este fenômeno está em consonância com os princípios da etnometodologia, que argumenta que a realidade social é uma construção coletiva. A etnometodologia, aplicada com sucesso em diferentes organizações, demonstrou ser uma ferramenta útil para

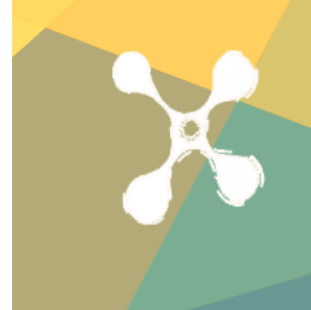


entender e melhorar processos organizacionais, refletindo-se em ganhos tangíveis como a eficiência operacional e a satisfação dos colaboradores.

No entanto, a implementação da etnometodologia enfrenta desafios, incluindo a resistência a novas abordagens e a dificuldade de medir impactos qualitativos de forma quantitativa. Recomenda-se que as organizações adotem uma abordagem flexível ao aplicar a etnometodologia, adaptando suas técnicas ao contexto específico. Historicamente, a etnometodologia surgiu das obras de Harold Garfinkel e evoluiu para uma metodologia que enfatiza a compreensão das práticas sociais cotidianas. Tem recebido críticas, principalmente relacionadas à sua abordagem qualitativa e à generalização de seus resultados, mas continua a ser uma metodologia valiosa e cada vez mais aceita no âmbito acadêmico.

No que tange às contribuições práticas da etnometodologia, é possível identificar casos em que sua aplicação em organizações resultou em benefícios notáveis. Um exemplo concreto é a utilização da etnometodologia em hospitais para compreender as rotinas de enfermeiros e médicos, o que levou a melhorias significativas na comunicação e na coordenação do atendimento ao paciente, impactando positivamente na eficiência dos processos e na satisfação dos profissionais envolvidos. Ferramentas como a observação participante e as entrevistas etnometodológicas permitiram revelar e aprimorar práticas instituídas, tornando os processos mais alinhados às necessidades reais dos usuários e dos profissionais de saúde.

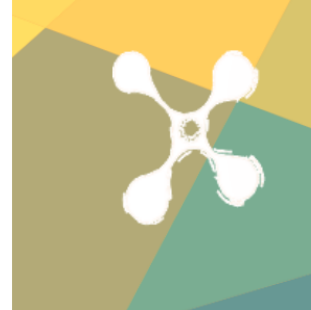
Contudo, a implementação da etnometodologia não está isenta de desafios. A resistência à mudança e a dificuldade de quantificar os resultados qualitativos são obstáculos comuns. Sugere-se que os interessados em empregar a etnometodologia em suas organizações promovam workshops de sensibilização e formação, onde os participantes possam aprender a aplicar suas técnicas de maneira prática, considerando sempre a cultura



organizacional existente. A etnometodologia, desde suas origens nas obras de Harold Garfinkel na década de 1960, evoluiu de uma crítica das abordagens normativas da sociologia para uma metodologia robusta e detalhada de análise da ação social. Ela foi influenciada por e influenciou várias áreas, incluindo a sociologia, a antropologia e a psicologia, e tem sido aplicada em campos tão diversos quanto a educação, a tecnologia da informação e a gestão empresarial. Ao longo do tempo, a etnometodologia ganhou aceitação acadêmica, apesar de críticas relativas à sua subjetividade e à generalização de seus resultados. Os debates continuam, mas a etnometodologia se estabeleceu como uma abordagem valiosa para a compreensão das práticas sociais.

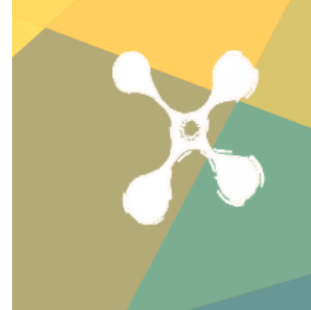
Olhando para o futuro, as tendências tecnológicas como inteligência artificial e análise de big data oferecem novos horizontes para a aplicação da etnometodologia, possibilitando uma análise mais profunda e abrangente de grandes conjuntos de dados qualitativos. Mudanças culturais globais, como o aumento da diversidade no local de trabalho e a descentralização das organizações, também podem alterar a forma como a etnometodologia é aplicada, exigindo abordagens mais flexíveis e adaptativas. Em resposta às crescentes demandas organizacionais por inovação e agilidade, a etnometodologia pode oferecer insights valiosos para a gestão da mudança e para a promoção de práticas colaborativas.

A integração interdisciplinar será crucial para o avanço da etnometodologia, que pode encontrar novas aplicações e sinergias ao se combinar com metodologias de design thinking, desenvolvimento ágil e outras abordagens centradas no ser humano. Por fim, enfrentará desafios, incluindo críticas à sua aplicabilidade e ao seu rigor científico, mas seu foco na prática reflexiva e na compreensão em profundidade das ações humanas permanecerá essencial para a análise e a melhoria das práticas organizacionais.



Referências

- ALTBACH, Philip. (2003). The costs and benefits of world-class universities. *International higher education* (n. 33).
- ATKINSON, Paul. (1988). Ethnomethodology: A critical review. *Annual review of sociology*, 14(1), pp. 441-465.
- BARREYRO, Gladys Beatriz; ROTHEN, José Carlos. (2006). "SINAES" contraditórios: considerações sobre a elaboração e implantação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. *Educação & Sociedade*, (27), pp. 955-977.
- BLACK, Iain. (2006). The presentation of interpretivist research. *Qualitative market research: An international journal*, (9)4, pp. 319-324.
- DIAS, Carmen Lúcia; Horiguela, Maria de Lourdes Morales; MARCHELLI, Paulo Sergio. (2006). Políticas para avaliação da qualidade do ensino superior no Brasil: um balanço crítico. *Educação e Pesquisa*, (32), pp. 435-464.
- FIALHO, Francisco Antonio Pereira; OTANI, Nilo; SOUZA, Antonio C. (2007). *TCC: métodos e técnicas*. Santa Catarina: Visual Books.
- GARFINKEL, Harold. (2023). Studies in ethnomethodology. In: *Social Theory Re-Wired*. Routledge, pp. 58-66.
- HARRISON, Reema et al. (2022). Evaluating and enhancing quality in higher education teaching practice: A meta-review. *Studies in Higher Education*, (47)1, pp. 80-96.
- HERITAGE, John. (1987). *Ethnomethodology*. Social theory today, pp. 224-272.
- HOSSAIN, Tasnim M. Taufique et al. (2020). Reconceptualizing integration quality dynamics for omnichannel marketing. *Industrial Marketing Management*, (87), pp. 225-241.



JAMOLIDDINOVICH, Urinov Bakhrom. (2022). Fundamentals of education quality in higher education. *International Journal Of Social Science & Interdisciplinary Research*, (11)1, pp. 149-151.

KLINE, Stephen J.; ROSENBERG, Nathan. (2010). An overview of innovation. *Studies on science and the innovation process: Selected works of Nathan Rosenberg*, pp. 173-203.

LIU, Nian Cai; WANG, Qi; CHENG, Ying. (2011). *Paths to a world-class university*. SensePublishers.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. (2014). Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. *Revista Univap*, (20)35, pp. 201-208.

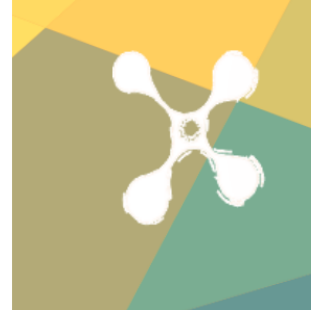
MAYNARD, Douglas W.; CLAYMAN, Steven E. (1991). The diversity of ethnomethodology. *Annual review of sociology*, (17)1, pp. 385-418.

MEDEIROS FILHO, Antonio EC et al. (2019). Fatores associados ao desempenho discente no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE): uma revisão integrativa. *Revista Expressão Católica*, (8)1, pp. 88-96.

MENDES, Rosana Maria; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. (2017). A análise de conteúdo como uma metodologia. *Cadernos de Pesquisa*, (47)165, pp. 1044-1066.

MOK, Ka-ho. (2005). The quest for world class university: Quality assurance and international benchmarking in Hong Kong. *Quality Assurance in Education*, (13)4, pp. 277-304.

MOSER, Giancarlo et al. (2023). Meta-avaliação no ensino superior brasileiro: desafios e oportunidades para transformação e a sustentabilidade institucional. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, (15)45, pp. 243-259.



PINTO, Rodrigo S. et al. (2016). Meta-avaliação: uma década do Processo de Avaliação Institucional do SINAES. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior* (Campinas), (21), pp. 89-108.

RIBEIRO, Jorge Luiz Lordêlo de Sales. (2015). SINAES: o que aprendemos acerca do modelo adotado para avaliação do ensino superior no Brasil. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior* (Campinas), (20), pp. 143-161.

RIBEIRO, Wagner Leite; GUERRA, Maria das Graças Gonçalves Vieira. (2019). Avaliação de cursos a partir do SINAES: uma análise para melhoria da qualidade na Universidade Federal da Paraíba. *Revista Educação em Questão*, (57)53.

SALERNO, Mario Sergio et al. (2015). Innovation processes: Which process for which project? *Technovation*, (35), pp. 59-70.

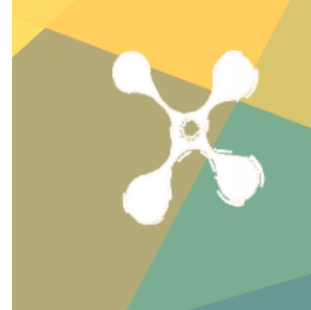
SALMI, Jamil. (2009). *The challenge of establishing world-class universities*. World Bank Publications.

SANDELOWSKI, Margarete; BARROSO, Julie. (2002). Finding the findings in qualitative studies. *Journal of nursing scholarship*, (34)3, pp. 213-219.

SHOBANDE, Olatunji Abdul; OGBEIFUN, Lawrence. (2022). Has information and communication technology improved environmental quality in the OECD?—a dynamic panel analysis. *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, (29)1, pp. 39-49.

THIENGO, Lara Carlette; BIANCHETTI, Lucídio; MARI, Cezar Luiz De. (2018). Rankings acadêmicos e universidades de classe mundial: relações, desdobramentos e tendências. *Educação & Sociedade*, (39), pp.. 1041-1058.

TOMLINSON, Michael; WATERMEYER, Richard. (2022). When masses meet markets: credentialism and commodification in twenty-first century Higher Education. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, (43)2, pp. 173-187.



VERHINE, Robert E. (2015). Avaliação e regulação da educação superior: uma análise a partir dos primeiros 10 anos do SINAES (). *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, (20), pp. 603-619.

WILLCOX, Merlin L. et al. (2023). Maternal and perinatal death surveillance and response: a systematic review of qualitative studies. *Bulletin of the World Health Organization*, (101)1, pp. 62.

YANG, Rui; WELCH, Anthony. (2012). A world-class university in China? *The case of Tsinghua. Higher education*, (63), pp. 645-666.